



Julho a Dezembro de 2019
Janeiro a Março de 2020

CAPA e BATINA

Nº 54 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

- TOMADA DA BASTILHA
- PASSEIO DO OUTONO
- VISITAS LOCAIS
- FIM DO ANO
- VIAGEM A ITÁLIA
- VOZ DA FILANTRÓPICA
- CONFERÊNCIAS
- TERTÚLIA/CONVERSA
- ESPAÇO DE POESIA
- ESPAÇO DE OPINIÃO
- ESPAÇO ABERTO
- NOTÍCIAS BREVES



PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE 99ª Comemoração da Tomada da Bastilha
	OS NOSSOS PASSEIOS
06	Cá Dentro - Passeio do Outono
09	VISITAS LOCAIS OS NOSSOS PASSEIOS
10	Cá Dentro - Fim do Ano
11	Lá Fora - Viagem a Itália - Costa Amalfitana
12	VOZ FILANTRÓPICA
13	CONFERÊNCIAS
15	TERTÚLIA ACADÉMICA
17	CONVERSA
18	ESPAÇO POESIA
19	ESPAÇO OPINIÃO
20	ESPAÇO ABERTO
22	NOTÍCIAS BREVES
23	IN MEMORIAM

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aec-lisboa.com



DOS QUE VIVEM PARA SEMPRE

É consabido – e não demais repetir – que realçar o chamamento à memória daqueles que, enquanto no activo, engrandeceram uma agremiação enforma o menor dos tributos que merecem receber, mesmo postumamente.

E se nessas Evocações domina, ainda que contido, o sentimento de perda com afecto, muito afecto, essa perda é embalada pelo usufruir de legados dos méritos que nos vão deixando e alimentam o espírito associativo imanente em todos eles.

Todo e qualquer dos passamentos (conhecidos) dos nossos Associados transporta-nos ao seu "reencontro" em manifestações de crença e de saudade. O ano de 2019 interpelou-nos profundamente pelo acrescido dever de gratidão para com três indiscutíveis obreiros da natureza humana e dimensão cultural da nossa vivência associativa durante pelo menos 27 anos:

ALCINDO AUGUSTO COSTA

Partiu em 9 de Fevereiro para o Céu que buscava e merecia, como reconhecido Homem íntegro familiar, social e profissionalmente. A nível associativo, deu o máximo contributo para a existência de uma Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (a Associação-mãe), mas desde cedo apontou para a conquista da autonomia desse núcleo, tornando-se o fazedor-mor do enquadramento legal e estatutário da instituição de utilidade pública que é a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e sendo vice-presidente da Direcção de 2001 a 2016.

Foi também com a singeleza dos grandes homens que nos ofertou pedaços dos seus saberes e experiência em Conversas sobre temas jurídicos e literários, onde vincava sem reбуço a sua defesa da genuinidade da língua e da cultura da sua Pátria. (1)

CARLOS ALBERTO CARRANCA DE OLIVEIRA E SOUSA

Deixou-nos em 29 de Agosto. "Acabou" – mensagem sic – um prolongado sofrimento que esta sua Associação, filantrópica e pessoalmente, acompanhou desde o primeiro dia de internamento, cuidando ser visitado com regularidade por amigos especializados. E de imediato a Direcção pontualizou em rede social:

"O Carlos Carranca não acabou nem acabará nunca para a AAECCL, que teve a graça de contar com a sua insubstituível assessoria cultural durante 16 anos, usufruindo dos seus muitos talentos, que partilhava com genuinidade e grandeza de alma.

Tendo ou não partido para um Além, o puro espírito académico que o impulsionava continua a alentar-nos no uso de todas as portas de cultura que para nós abriu com glória!

Este teu legado, Carlos, será honrado pela tua Associação e transmitido às gerações futuras".

Na subsequente reunião da Direcção, um propósito unânime levou a superar todas as dificuldades previsíveis para enquadrar uma mais que justa e sentida homenagem na 99ª Comemoração da Tomada da Bastilha (Novembro seguinte) com programação e com compromissos já ultimados. Na verdade, nada compensaria o extenso registo de iniciativas que o Carlos desenvolveu e protagonizou em prol desta Associação, variando entre actuações cénicas e poéticas, conferências, tertúlias, apresentação de livros, divulgação do fado e da canção de Coimbra, grande parte com a colaboração de entidades e instituições que lhe reconheciam e apoiavam a excelência dos seus atributos.¹

Reconhecimento hoje e aqui firmado, sim! Memória para a posteridade, sempre!

GUSTAVO ELMANO CERDEIRA

Deixou-nos em 30 de Dezembro, tão silenciosamente que só dias depois a Direcção ficou habilitada a comunicar aos Sócios a ocorrência com vista:

" • A testemunhar o pesar sentido;

• A partilhar convosco o justo tributo que aqui lhe prestamos pelas suas prestimosas funções de secretário da Direcção entre 1995 e 2001 e, acima de tudo, pela sua intervenção exemplar no domínio cultural, com espírito criativo na poesia, na dinamização de homenagens e tertúlias e na autoria de momentos teatrais e lúdicos.

Com a nossa saudade e gratidão, Gustavo descansa em paz! "

Que mais dizer? Aqui e agora, que queremos comungar os nossos ganhos e fracassos, contratempos e alegrias com estes e todos os outros Associados que partiram, mas permanecem entre nós num espírito de solidariedade que transcende a própria Vida!

¹ Todas estas iniciativas e actividades estão registadas no Capa e Batina nº 50 (destacável com 16 páginas).



99ª COMEMORAÇÃO DA TOMADA DA BASTILHA

Ocorreu, como sempre, no Casino Estoril, no sábado mais próximo do dia 25 de Novembro, a data em que as sucessivas gerações da Associação Académica de Coimbra têm celebrado, desde 1920, a sua autêntica Tomada da Bastilha e que a nossa Associação (e mesmo a antecedente Delegação da Associação congénere de Coimbra) replicam todos os anos, respeitando as suas verdadeiras origem e designação, numa partilha que a presença e égide dos sucessivos Magníficos Reitores e as presenças dos presidentes da Direcção-Geral e da Assembleia Magna da AAC têm sempre credenciado.

Neste ano, foi particularmente densificada a essência de solidariedade através de participações bem expressivas:

- A interação com a jovem Academia pela mão de um dos seus grupos culturais, o GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra) que fez questão de trazer a este palco em estreia absoluta a peça que criou e montou para o efeito "A Criação", com o êxito que os aplausos coroaram.



- A actuação, no âmbito da parceria cultural firmada em 2002 com a Casa de Goa em Lisboa, do seu grupo EKVAT (Grupo de Danças e Cantares de Goa), que mais uma vez nos encantou com um alargado reportório de canções musicais e bailados populares, terminando no carismático *mandó* "Doriachea Larari", partilhado na música pelo nosso Serenata ao Luar e na dança por dois elementos exímios nesta arte: A Maluda e o Sergio Gonçalves.



- A habitual contribuição para o Instituto Universitário Justiça e Paz destinada à propina de um aluno(a) carenciado(a).

Tudo isto enquadrando o tal "chamamento à memória" daqueles que de Janeiro a Novembro de 2019 levaram consigo para o Além (de cada um) infinitos créditos de gratidão por terem engrandecido esta nossa vivência associativa. Assim o considerou, em uníssonos, a Direcção ao incluir logo no projecto do programa uma evocação a ALCINDO AUGUSTO COSTA, que nos deixou a 9 de Fevereiro, atribuindo a comunicação verbal exclusivamente à presidente da Direcção e apenas a expressão musical desse preito ao grupo Serenata ao Luar, na serenata a dedicar-lhe no final.

Em observância, a presidente da Direcção proferiu as palavras bastantes para serem de todos sentidas, revivendo a figura do Alcindo na simplicidade apanágio do grande Homem que era e salientando o mérito da sua intervenção na constituição, em 1992 de uma associação autónoma, no exercício de funções directivas até 2018 e na devoção à cultura coimbrã que materializou em criações e interpretações de fados inesquecíveis e, sobretudo, no impulso "paternal" que imprimiu no mais jovem grupo da nossa Associação, o Serenata ao Luar. Em jeito de recordação, foi oferecida uma placa comemorativa às filhas Isabel, Cristina e Margarida, tendo esta última agradecido.

Não menos sentida em afectos e gratidão infindáveis foi introduzida uma evocação a CARLOS CARRANCA (vitimado em Agosto de 2019 pela fragilidade da natureza humana), prejudicada, contudo, na dimensão concreta que havíamos pla-



neado, por força da escassez de tempos nos ensaios - o que gerou alguma descoordenação. Salvou-se, porém mais este "chamamento à memória":

- Pelo breve panegírico que José Viegas (vice-presidente da Direcção e apresentador do sarau com a vogal Maria José) fez questão em expressar nestes termos:

"Autor de vários livros de poesia, biografia e investigação, Carlos Alberto Carranca de Oliveira e Sousa nasceu na Figueira da Foz em 1957, mas estava ligado por laços familiares e afetivos à Lousã e a Coimbra. Licenciado em História e doutorado em Língua e Cultura Portuguesa, era também ensaísta, declamador, animador cultural (AAECL) e cantor, especialmente intérprete e divulgador da música de Coimbra, tendo escrito a biografia do seu amigo Luiz Goes, entre inúmeros livros. O poeta e professor universitário Carlos Carranca é na definição de Urbano Tavares Rodrigues "um D. Quixote que se revela contra a mesquinhez do mundo e cavalga, à procura de si, de um sentido, de um segredo, de um sinal". Para nós era um Amigo com A grande."

- Pela actuação da Escola de Teatro de Cascais, que desde logo se prontificou a criar algo expressivo da grandeza de alma e do abrir de braços a abarcar o mundo que caracterizava o seu insubstituível Docente, dando corpo a esse algo 90 alunos numa leitura encenada e dançada de 2 poemas do livro do Carlos "55 poemas de idade" e "António

Marinheiro" – música de Carlos Paredes, guitarra Universal e guitarra Lusitana; a culminar, a audição da "Cantiga para quem sonha" na voz do próprio Evocado, acompanhada da quase etérea expressão corporal dos seus discípulos.

- Pela oferta de uma placa comemorativa à sua devotada companheira de uma vida, a Rosinha Carranca.
- Pela inclusão no programa de um trecho e de versos do Carlos que a Rosinha escolheu para figurarem como um adeus de quem tanto deu à sua Associação (que neste passo não logrou retribuir tanto quanto desejava):

"O que a vida tem de melhor é o facto de ser breve na eternidade que deixamos nos outros. Nela há qualquer coisa que nos escapa, desde o nosso corpo como objecto da nossa representação, até ele se tornar vontade e através dele estarmos em relação com a Natureza. O meu corpo passa a ser a Natureza em mim."

*O litoral sou eu.
Mas o horizonte
é Deus.*

*O que busco em ti?
O eu desconhecido
que há em mim.*

Completando esta narrativa, há a referir que tiveram lugar os sempre apetecidos *Coimbra d' Honra* e Jantar no salão Preto e Prata; e lembrar que a *Serenata de Coimbra* foi musicalmente dedicada ao Alcindo pelo *Grupo Serenata ao Luar*, acompanhado depois por elementos do *Grupo Porta Férrea* na emblemática *Balada da Despedida....* até 2020?





OS NOSSOS PASSEIOS

CÁ DENTRO

PASSEIO DE OUTONO

“ESTRADA NACIONAL 2 - SUL”

DE 20 A 23 DE OUTUBRO DE 2019

Por Maria Guerra Prazeres



O Passeio do Outono permitiu a 29 colegas e amigos conhecer a parte sul da Estrada Nacional 2 (EN2) que liga Chaves a Faro num total de 739,5 km contados a partir de Chaves. Em 1945 foi instituído o Primeiro Plano Rodoviário e a EN2, que engloba estradas nacionais e regionais.

Acompanhados por Paulo Silva, guia da TransSerrano e o motorista Joaquim deixámos Lisboa rumo a Almodôvar, encontrando na Ponte Vasco da Gama uma imensa multidão preparada para o início da maratona.

Almodôvar é uma vila do Baixo Alentejo, de origem árabe, doada à Ordem de

Santiago bem como todo o seu concelho, no reinado de D. Sancho II. Em 1285 obteve carta foral dada por D. Dinis e D. Manuel I doa-lhe novo foral em 1512. Chegamos a Almodôvar dirigimo-nos para o restaurante “O Moinho”, onde almoçamos, a que se seguiu a visita à Praça da República com a sua Janela Manuelina, o Museu Severo Portela, localizado na antiga cadeia e onde D. João III edificou outrora os Paços do Concelho. Continuando o passeio chegámos ao *Museu da Escrita do Sudoeste*, escrita esta que data de há mais de 2500 anos (Idade do Ferro). De influência fenícia foi desenvolvida pelos

povos que habitavam o Baixo Alentejo, Algarve e também as actuais regiões da Andaluzia e Estremaduras espanholas. É a segunda língua depois da grega, lê-se da direita para a esquerda, não tem pontos e nem está decifrada.

Vimos pedras grandes, as estelas, colocadas na vertical (para serem lidas) com funções funerárias, religiosas e outras. A grande maioria das estelas foi encontrada na zona acidentada do Baixo Alentejo e serra algarvia, atravessada pela EN2 e sobretudo no concelho de Almodôvar. De realçar a Estela das Mesas do Castelinho pela extensão do seu texto.



A caminho de Faro surgem as estátuas do Sapateiro e do Bombeiro da autoria de Aureliano Aguiar, casas de cantoneiros e painéis de azulejos (Nitrato do Chile e Pneus Mabor).

O trajecto de Almodôvar a S. Brás de Alportel, que vai da planície alentejana ao barrocal algarvio tem a designação de *Estrada Património EN2*. É um troço pouco movimentado que atravessa a Serra do Caldeirão (conjunto de montes) com curvas e contracurvas mas com uma paisagem digna de ser apreciada, com verdadeiras alamedas de eucaliptos, freixos, ciprestes e outras árvores que apresentam vários tons de verde e em especial o verde-amarelado dos pinheiros-mansos. No *Ameixial* (Loulé) carimbámos o passaporte, no miradouro do Caldeirão (575 m) nova paragem para as fotos e no Vale da Rosa viu-se o marco a assinalar o km 700.

Em *S. Brás de Alportel*, vila algarvia, produtora de muita cortiça, alfarroba e amêndoa visitámos o *Museu do Traje* que alberga uma notável colecção de trajes dos séculos XIX e XX, vendo-se xales, trajes ricos, trajes "trincheiros" relativos à I Guerra Mundial. Também no edifício anexo vimos um oratório do século XIX, colecção de veículos tradicionais, alfaías agrícolas, etc.

Seguimos viagem para Faro parando no marco da EN2 km 738.

O jantar realizou-se no restaurante "Centenário" e alojámo-nos no Hotel Eva Senses.

No 2º dia de viagem saímos em direcção a *Castro Verde* e passando pela Via do Infante observámos um "condomínio" de cegonhas e uma estátua dos cónios (guerreiros). Ainda no concelho de Almodôvar visitámos a *Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário*, dos séculos XVII e XVIII, com paredes revestidas de frescos relativos aos Santos, como St.ª Luzia, St.ª Madalena, S. Sebastião, S. Marcos (evangelista), St.ª Apolónia (padroeira dos dentistas), St.ª Águeda (com os seios cortados).

Seguimos para *S. Pedro das Cabeças* (Castro Verde), o suposto local onde se deu, em 25 de Julho de 1139, a batalha de Ourique e D. Afonso Henriques venceu os exércitos de 5 reis mouros, após uma visão de Cristo em que iria vencer a batalha e seria rei.

O reino de Portugal foi reconhecido internacionalmente em 1143 e em 1179 pela Santa Sé.

Deste local elevado desfruta-se uma vista soberba de 360º sobre a imensa planície alentejana.

Também aqui D. Sebastião mandou erigir uma Capela, no séc. XVI, em tributo a essa vitória e D. Maria I (séc. XVIII) implantou um padrão evocativo da batalha, hoje colocado em frente aos Paços do Concelho de Castro Verde.

Em *Santa Bárbara de Padrões* encontra-se o *Museu da Lucerna* que acolhe uma magnífica colecção de lucernas romanas, fabricadas entre os séculos I e III d.C. As candeias de barro eram decoradas com diversos motivos, como animais e personagens mitológicas. Que asseio de povoação só com casinhas bem cuidadas!

Na vila de *Castro Verde* a visita incidiu na *Igreja de N.ª Sr.ª dos Remédios ou Igreja das Chagas de Cristo* (séc XVII). É muito importante sobre o ponto de vista histórico, pois foi aqui que D. Afonso Henriques teve a visão aquando da batalha de Ourique. Foi reconstruída na época de Filipe II, mas paga pela Feira de Castro. Tem as paredes revestidas por azulejos a branco e azul, o altar-mor é de madeira pintada. Pudemos apreciar várias cenas da batalha de Ourique, D. Afonso Henriques a rezar junto a dois anjos, a aparição de Cristo e as chagas de Cristo.

Almoçámos no restaurante "Castro" e continuámos em direcção a Aljustrel, parando para vermos o painel sobre o Alentejo – marco de Castro Verde. Em *Aljustrel*, a terra das pirites, situa-se o *Complexo Mineiro*. Há cerca de 5000 anos vários povos (cónios, romanos, visigodos e árabes) fixaram-se aqui para extrair minérios. O Complexo Mineiro tem várias explorações e numa delas visitámos a *Ermida de N.ª Sr.ª do Castelo* (séc. XIV, XVII e XVIII). Foi restaurada, no séc. XVII, com azulejos em tons de azul e amarelo. Do miradouro a 293 m de altitude pode apreciar-se uma bela panorâmica. Ainda no concelho de Aljustrel fomos passando por imensos olivais de capitais espanhóis e plantações de milho, só possível nesta zona graças à água que chega do Alqueva.

Ao passar por *Ervidal* vimos num posto de abastecimento da Galp um painel de azulejos com várias indicações, como "vá para onde for com Galp vai melhor"! E as distâncias daqui até outros locais (Lisboa, Faro, Mértola, Lagos, etc).

Já no concelho de *Ferreira do Alentejo* surge uma rotunda com a estátua de uma ferreira com as suas armas (malhos) nas mãos.

Visitámos o *Lagar da Herdade do Marmelo*, que produz o azeite "Oliveira



da Serra". Além do olival da Herdade contam também com os olivais de Elvas, Avis e Campo Maior. Fabricam vários tipos de azeite com características diferentes, fazendo várias análises para o classificar. É embalado no Barreiro e exportado para 70 países.

A viagem continuou até *Peroguarda*, uma das 5 freguesias de Ferreira do Alentejo, com 400 habitantes e tida como a aldeia mais típica do Baixo Alentejo. As suas casas caiadas e as barras de cor azul, ocre e amarelo dão-lhe um aspecto bucólico. É uma referência para o cante alentejano, com o estímulo de Michel Giacometti, etnomusicólogo, nascido na Córsega em 1929 que aqui viveu para o povo defendendo a identidade das culturas e nações. Morreu em 1990 e por sua vontade está sepultado nesta aldeia. Entrámos na *Igreja de St.ª Margarida*, de traço quinhentista, cuja imagem está no trono do altar-mor e também noutro altar lateral, mas com uma grande cabeleira.

Jantámos no Hotel O Gato, situado em Odivelas, onde nos alojámos.

No dia 22 saímos para *Ferreira do Alentejo*, começando por visitar a *Capela do Calvário* (séc. XVI), o seu ex-libris. Tem uma planta circular e nas paredes lisas e caiadas estão pedras irregulares que significam o sofrimento de Cristo ao longo da Via Sacra, incluindo o apedrejamento. A Capela também é conhecida como de St.ª Maria Madalena, pelo que as pedras podem significar o apedrejamento da mulher adúltera, que Cristo salvou. É pequenina e no seu interior tem Cristo na Cruz, N.ª Senhora e St.ª Maria Madalena (imagem do séc. XVIII). Durante a visita estivemos na Praça Comendador Luiz António Infante Passanha (1829-1892) onde o grupo foi fotografado a fim de ser notícia no Facebook da Câmara.

Seguiu-se a visita ao *Museu*, constituído por vários polos desde a arqueologia, à etnografia e às artes decorativas. Vimos peças do calcolítico, idade do ferro, lucernas, peças de cerâmica usadas nas tarefas culinárias, vida doméstica e o brasão heráldico da vila – a guerreira com o malho em cada mão.

Na casa do vinho e do cante (*Taberna*



Zé Lélito), também parte integrante do Museu observámos os cocharros na parede, as enormes talhas para o vinho, que apresentam remendos, pois reben-tavam com a fermentação das uvas. Embora não bebendo todos saímos alegres após o concerto dos chocalhos!... Seguimos viagem para *Alcáçovas* (Viana do Alentejo), com paragem no km 565 no Torrão (Alcácer do Sal) para carimbar o passaporte. Alcáçovas vem dos tempos pré-romanos, local onde foi assinado o tratado entre D. Afonso V e os Reis Católicos, que originou a partilha do Mundo a descobrir e a conquistar entre as duas coroas. Visitámos os *Chocalhos Pardalinho*, assistindo a todo o processo de fabrico a partir de uma chapa de ferro que é martelada até adquirir a forma de chocalho.

O almoço foi também em Alcáçovas no restaurante "Os Sabores da Vila", cuja ementa incluiu o carimbo no passaporte!...

Após o almoço visitámos a *Anta-Capela de N.ª Sr.ª do Livramento* ou de *S. Brissos*, situada em *Santiago do Escoural* (Montemor-o-Novo) e que remonta de 4000 a 3000 anos a.C., sendo a capela do século XVII. Na cidade de *Montemor-o-Novo* carimbámos o passaporte no Posto de Turismo e seguimos até ao *Castelo*, entrando pela Porta da Vila e logo avistando a Torre do Relógio,

medieval mas na qual foi implantando um campanário manuelino com 5 torres cónicas. Na fachada noroeste existe um relógio de sol em mármore.

Foi D. Sancho I que reconstruiu o Castelo e repovoou a antiga vila, dando-lhe o primeiro foral. D. Dinis mandou edificar a extensa muralha (2 km) que envolveu toda a vila e as suas 4 freguesias. Hoje este Castelo está em ruínas, salientando-se o *Paço dos Alcaldes*, local de decisões importantes como a permanência em definitivo da Universidade em Coimbra e a viagem de Vasco da Gama à Índia.

Também da *Igreja de St.ª Maria do Bispo*, a mais importante da vila e antiga matriz apenas resta o portal manuelino da frontaria.

Seguem-se a *Casa da Guarda* com a pedra de armas de D. Manuel I, ladeada por esferas armilares, os *Paços do Concelho*, a *Igreja de Santiago* (séc. XIV – XVI), o *Convento de N.ª Sr.ª da Saudação*, a *Igreja de S. João Baptista*. Vimos ainda os *arcossólios tumulares*.

E a concluir foi aqui que S. João de Deus nasceu e se baptizou na Igreja matriz, quando a intacta beleza deste Castelo irradiava poder e vida.

Finda a visita dirigimo-nos para o *Hotel da Amieira*, local do alojamento, pois o jantar realizou-se no restaurante "A Ribeira", em Montemor-o-Novo ao som

de toda a ementa cantada, desde entradas, prato, doces, pelo dono do restaurante colocado estrategicamente em cima de uma mesa!...

No último dia saímos para *Cíborro* (Montemor-o-Novo) com a finalidade de vermos o marco km 500, colocado em cima de um muro para lhe dar uma maior visibilidade e também não o danificarem. Visitámos a *Anta do Vale de Beiró* (Coruche), de quartzo e já em *Brotas* (Mora) o *Santuário de N.ª Sr.ª das Brotas*, que nasceu de uma pequena ermida e se supõe ter sido em 1424. Ao longo dos séculos foram edificando a capela-mor, o cruzeiro e a capela lateral de evocação ao Santíssimo Sacramento (séc. XVI). Esta capela tem azulejos azuis e brancos que relatam passagens bíblicas. No séc. XVII ampliaram a nave e a igreja ganha contornos mais próximos dos actuais. As casas – confrarias que ladeiam o templo têm a mesma tipologia, embora com pequenas variações entre elas. Ainda em Brotas visitámos a *Olaria Zé Carlos*, do último dos cerca de 40 oleiros existentes nesta povoação. Explicou como desenvolvia a sua arte desde a colheita do barro, lavagem com água, amassar o barro, acabando na moldagem com as suas ágeis mãos.

Depois de um agradável passeio no *Passadiço do Parque Ecológico do Gameiro* seguimos em direcção a *Ponte de Sor* (Alto Alentejo), vendo a barragem de Montargil (plano de irrigação do Sorraia), onde funciona a central de produção eléctrica.



O almoço decorreu no restaurante "Quadrifonia", o carimbo do passaporte na *Casa das Artes*, permitindo-nos também apreciar uma obra de arte de um albanês que com 400 000 rolhas retratou Saramago. Antes de seguirmos para *Abrantes* ainda houve tempo para umas compras na *Casa Bonacho*...

Em *Abrantes* não podíamos deixar de visitar a fábrica, existente desde 1964, que produz o tão afamado doce conventual "a palha de Abrantes".

Além da palha surgem a tigelada de Abrantes, as broas de mel e noz com as variantes batata doce e abóbora. Depois da prova foi só escolher!...

A visita ao *Castelo* teve poucos participantes, tendo eu apenas visto o seu exterior, do qual se vislumbra uma magnífica panorâmica, e carimbado alguns passaportes.

A sua excelente posição, dominando uma grande extensão do Tejo e a evidente valia técnico - estratégica fizeram deste Castelo o principal fulcro do sistema defensivo. Assim D. Afonso III começou por muralhar o burgo e D. Dinis, seu pai, concluiu a muralha e remodelou a torre de menagem. Com a dinastia filipina vieram tempos desoladores, arruinando o Castelo, mas D. Pedro II (finais séc. XVII) reedificou-o com grandes obras do tipo abaluartado, classificando-o como praça de guerra de 1ª classe. No começo do séc. XIX surgiu a "Guerra das Laranjas" provocada pelas ambições de Espanha e incitada por Napoleão que originou grandes estragos no seu interior.

Regressámos a Lisboa, talvez um pouco fatigados mas convictos de que este passeio agradou a todos pelo convívio e o maior conhecimento do interior do nosso país.

VISITAS LOCAIS

No 2º semestre de 2019 realizou-se 1 visita:

- No dia 17 de Dezembro realizou-se uma visita guiada pelo Sr. Dr. Alexandre Pais ao Presépio da Basílica da Estrela.

No 1º trimestre de 2020 realizaram-se 2 visitas:

- No dia 16 de Janeiro realizou-se uma visita guiada à "Obra de André Reinoso em S. Roque" e também à exposição temporária "Um Rei e três Imperadores. Portugal e a China no reinado de D. João V."
- No dia 14 de Fevereiro realizou-se uma visita à Igreja e Convento da Encarnação, no Largo da Encarnação (Arroios)



CÁ DENTRO FIM-DO-ANO NA URGEIRIÇA

DE 30 DE DEZEMBRO DE 2019 A 1 DE JANEIRO DE 2020



Na despedida de 2019 e na recepção ao 2020 os 40 Associados e familiares mantiveram, à partida, o mesmo calor de uma convivência em fraternidade, neste caso adornada por ingredientes tão próprios da quadra:

- Um hotel tradicional – o **Hotel da Urgeiriça** (Canas de Senhorim) – reconstruído na sua traça original com o aconchego das lareiras e a distinção da decoração;
- As incursões por belezas oferecidas por uma natureza amena e pela mão do homem ao longo de séculos.

Assim foi que, logo no primeiro dia (30 de Dezembro) rumámos a **Viseu**, onde, após típico almoço, visitámos o centro histórico, em pormenor o Cruzeiro do Adro da Sé, a Ponte das 3 Bicas, a Igreja de Misericórdia e restos do cerco amuralhado (Porta dos Cavaleiros e Porta do Soar).

Canas de Senhorim esperava-nos com um já apetecido jantar e bons momentos de convívio. A manhã do dia seguinte foi dedicada à visita a **Seia**, onde um comboio característico nos elevou até ao complexo do Museu do Pão, rodeado de deslum-



brantes vistas panorâmicas, um castelo e uma igreja, tudo como aperitivo de espírito para uma "bacanal" gastronómica ao jeito beirão, que amarrava às mesas os comensais...

Tarde de preparação no hotel para um **Réveillon** bem servido com animação partilhada por outros grupos e famílias locais, em clima de tal confraternização que ninguém hesitou em cantar connosco os "*parabéns a você*" ao nosso mui prezado conselheiro José António Mesquita – que ostentou orgulhosamente a gravata da Universidade de Coimbra oferecida pela Associação.



De realçar o enorme regozijo pela companhia dos nossos também prezados colegas Maria Vitória e Napoleão Amorim e Maria Antonieta e António Moniz, que vieram do Porto para confraternizar connosco; e salientar também a participação da Família da Isalita Ferreira, como sempre presente neste evento (mesmo vindo alguns da Alemanha) e acompanhada pelo casal Ni e Alcino (vindos de Castelo Branco).

Já em 2020, após brunch e almoço, regressámos a Lisboa, na esperança de um Novo Ano pleno desta saudável vivência.



OS NOSSOS PASSEIOS

LÁ FORA VIAGEM À COSTA AMALFITANA

DE 8 A 12 DE SETEMBRO DE 2019

Por Luísa V. de Paiva Boléo



Bem cedinho no dia 8 de Setembro de 2019 chegámos ao aeroporto Humberto Delgado e umas horas depois embarcámos no avião da TAP, rumo a Nápoles, para mais um passeio com a chancela da AAACL e da Fátima Lencastre.

Para quem como eu só conhecia a Itália do Norte, de Milão a Roma visitar Nápoles, Pompeia e a costa amalfitana era poder conhecer uma "outra" Itália. Recordo que a Península itálica era formada por diferentes reinos, ducados, repúblicas e principados muito distintos entre si. A unificação data apenas de 1870.

Para aproveitar bem cada minuto chegámos ao aeroporto de Capodichino pelas 11.00h e sem mais demora seguimos para as ruínas de Pompeia com a guia. Pena não podermos complementar a visita às ruínas com uma ida ao Museu Arqueológico de Nápoles onde, aí sim, poderíamos apreciar a verdadeira dimensão desta erupção do Vesúvio no ano de 79 d.C. que sabemos possuir artefactos não apenas de Pompeia, mas também de Stabia e Herculano. O Vesúvio lá ao longe ainda impõe respeito e está sossegado desde 1944. Nesse dia com bom tempo almoçamos em La Cantina del Vesúvio depois de passarmos pelos vinhedos. Restaurante ao ar livre e sem qualquer história relevante com muitos grupos de turistas. A gastro-

nomia mediterrânea que tivemos durante os 5 dias por terras do Sul de Itália.

De regresso a Nápoles tivemos as formalidades do check-in no Hotel Palazzo Salgar numa zona portuária, bem escolhido para o itinerário previsto sempre junto à costa e para uma fácil saída da cidade que tem um trânsito caótico.

Habituaados que estamos os sócios da AAACL aos passeios nocturnos que são sempre um momento de descoberta e descontração, não aconteceram pois fomos informados que era pouco conveniente arriscarmos essas incursões porque a Camorra está de novo muito activa e todo o cuidado é pouco.

CAPRI E ANACAPRI

Jantar e bom descanso para partirmos no dia seguinte para a Ilha de Capri. Para quem gosta de andar de barco é uma beleza ver a cidade alcandorada cheia de "villas" de gente abastada. Subimos para um minibus e sempre a descer pudemos ver as casas brancas e algumas em tons de bordeaux ou ocre, pois sabe-se que em Itália há regas estritas para a cor das casas em zonas históricas. O mar azul e as praias (que têm muitas rochas) e que, modestamente se não comparam às nossas, foram um desafio para alguns "viajantes" que se meteram nas águas transparentes do Mediterrâneo.

Um belo dia sol tornou o passeio extremamente agradável, embora a visita à Gruta Azul não estivesse programada. O almoço no restaurante La Pigna num amplo terraço fez-nos pensar que os enchidos e queijo são comuns aos países do Sul, onde estamos incluídos.

Demos um passeio pela parte monumental da cidade com passagem apressada pela Praça Umberto I com o seu relógio em tons de amarelo e azul na torre da igreja de Santo Estevão. Deambulámos pelo bairro de Santa Lúcia com as paragens obrigatórias nas lojas de recordações. O ferry trouxe-nos de volta a Nápoles. Os mais velhos, onde me incluo, lembravam-se ainda da música e letra do sucesso "Capri c'est fini" de Hervé Vilar do remoto ano de 1965. Os jantares nestes passeios são sempre momentos de encontros com amigos de Coimbra e também é bom conhecer gente nova.

SORRENTO

E depois de uma boa noite de sono, o terceiro dia foi dedicado a Sorrento com passagem pela Fattoria Terranova em Santa Agata sul Due Golfi. Também conhecemos a realidade do agroturismo onde podemos ver como se fabrica o famoso queijo mozzarella. Almoço de degustação com produtos caseiros. E finalmente Sorrento. A igreja de São Francisco é bela por dentro com o altar trabalhado em mármore e madeiras e os claustros num recinto com muitas flores onde acontecem concertos de música de várias épocas.

Estivemos na Via San Cesareo com ruas estreitas onde não cabem carros, mas apenas lambretas - o transporte mais usado nestas cidades. E por fim uma pausa para provar os famosos gelados. Fomos avançando nesta viagem e não sabemos qual a cidade que mais nos agradou, pois são todas belíssimas. Aqui e ali os guias

informavam das celebridades que têm ali casas.

Regresso ao hotel de Nápoles e o cada vez mais animado jantar, agora que já nos conhecemos melhor.

AMALFI E POSITANO

O 4º dia de passeio adivinhava-se muito preenchido e excitante. Elogiámos a perícia do motorista. As casas brancas de Amalfi onde a atriz Sofia Loren tem a sua "mesmo ali". A catedral medieval com uma grande escadaria situada na Piazza del Duomo é dedicado ao após-

tolo Santo André patrono da cidade, cujas relíquias aqui estão guardadas. Almoçámos no restaurante Il Tari onde a especialidade é marisco. Depois do repasto subimos para Positano com o Mar Tirreno aos pés que considerei deslumbrante.

Não. Não me esqueci de falar dos limões e dos produtos feitos com este muito aromático fruto. É uma das atracões desta costa. Toda a gente trouxe um licor de Limoncello, bem como peças de artesanato nos tons amarelos e azuis, a lembrar as peças de cerâmica do nosso Rafael Bordalo Pinheiro.

Mesmo cansados do dia intenso a noite reservava-nos uma atração de um grupo de Tarantella a não perder. Atravessámos ruas estreitíssimas e escuras na Nápoles mais recôndita e secreta em táxis com motoristas também eles misteriosos, como se entrássemos num filme policial. A tal atração com o "grupo" da tarantella foi afinal apenas uma cantora que não entusiasmou o nosso grupo, mas alguns e algumas deram um pezinho de dança. Afinal era o último jantar do passeio. No dia seguinte regressámos a Lisboa. Até breve.

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Sempre condicionada pelo (des)conhecido da situação de todos os Associados, a Direcção tem mantido regularmente o contacto adequado com os aniversariantes e com os familiares dos que nos vão deixando; mas também tem alimentado o convívio pessoal em encontros como o **Magusto de S. Martinho** e o **Chá dos Reis**, na Sede, e o

ALMOÇO DE NATAL



Ocupa, sem dúvida, o terceiro lugar na adesão aos eventos promovidos, precedido apenas da Tomada da Bastilha e do Aniversário. Neste ano, em 15 de Dezembro no Sana Metropolitan Hotel, 108 Sócios, familiares e amigos partilharam o mesmo e até redobrado espírito natalício com a já cooperante Universidade Intergeracional de Benfica (UNISBEN) através do seu admirável Grupo de Bandolins,

dirigido pela Professora Isabel Carneiro numa actuação/surpresa composta por temas: *Folhas de Outono, Amigos para Sempre, This is my Song, O Solo Mio, Va Pensiero ou Coro dos Escravos Hebreus, Nasce na Estrela o Mondego, Saudades de Coimbra e Jingle Bells.*

Também nos surpreendeu com muito agrado o Capela Gordo que, além de integrar aquele grupo, compõe e diz poesias relativas ao Natal.

E as surpresas continuaram, quiçá para nos reportar ao Pai Natal, à lendária chaminé e às histórias dos serões natalícios que o nosso carismático amigo Onésimo Teotónio Almeida tão bem narrou, com aquele jeito ímpar a que só falta mais tempo para outra e ainda outra....

Alguma expectativa se seguiu com as rifas de duas peças oferecidas, cujo montante reverteu a favor dos sem-abrigo (*Comunidade Vida e Paz*), como nos anos anteriores.

Com honras de consagrados, os artistas da casa: Grupo Coral Ad-Hoc, momentos de poesia por Alice Gouveia e Catarina Rodrigues e serenata de Coimbra pelos Grupos Porta Férrea e Serenata ao Luar.

Uma tarde memorável, iniciada com os indispensáveis aperitivos, almoço de luxo e deliciosas sobremesas, e terminada com manifestações de afecto e votos de Bom Ano Novo de 2020!





A EUROPA E O FUTURO

Por Luís Noronha do Nascimento
Antigo Presidente do Supremo Tribunal de Justiça

Temos a percepção – para nós, quase certa – de que o Ocidente (primeiro a Europa, depois a América) domina o mundo há muitos séculos, que nem temos a noção do erro de paralaxe que cometemos.

O Ocidente domina o mundo de há 200 anos para cá (desde a transição do séc. XVIII para o XIX) e antes disso, durante mais de mil anos, o poder e a riqueza estiveram sempre no Mediterrâneo oriental, Médio-Oriente e Ásia; daí que haja quem considere, hoje, que o crescimento exponencial dos países orientais e asiáticos mais não é do que o regresso a um “dejá-vu” (caso de Mahbubani, Prof. da Universidade de Singapura) que faz parte da história normal da Humanidade.

A China, sozinha, produzia no séc. XI tanto ferro como toda a Europa no séc. XVIII (ou seja, pouco antes da revolução industrial) e tinha, à época, cinco cidades com mais de um milhão de habitantes enquanto (cinco séculos depois) a maior cidade da Europa cristã era Nápoles com 280.000 habitantes e a maior cidade mediterrânica era Istambul (com 700.000 habitantes), capital do maior e mais poderoso império da época, o otomano.

A Europa produzia, em 1800, 30% do PIB mundial enquanto a Ásia produzia 60%, e – pouco antes do tremor de terra de Lisboa de 1755 – a Índia produzia, sozinha, 25% do PIB mundial.

Em 1405 (dez anos antes da conquista de Ceuta pelos portugueses) a armada chinesa que patrulhava o Índico e chegava ao Cabo, na África do Sul, liderada por Zheng-He tinha (na primeira das suas sete expedições) 317 navios, cerca de 28.000 marinheiros e navios – os maiores – que atingiam 120 metros de comprimento, ou seja, bem mais do dobro das maiores naus das esquadras de Vasco da Gama e

Cristóvão Colombo à chegada à Índia e à América; a grandeza da China eclipsou-se, entretanto, quando os imperadores Ming a fecharam ao mundo, proibindo o comércio e todo o contacto negocial com outros povos, nomeadamente, com os europeus recém-chegados.

Vivemos, hoje, num mundo globalizado e não se pense que a História regride para nos fazer a vontade ou permitir a perpetuação da nossa hegemonia.

O séc. XXI vai ser – tudo indica – o tempo dos grandes espaços geoestratégicos; o que significa que somente países, ou blocos de países coligados, com expressão territorial e demográfica transnacional terão peso bastante para terem voz ativa no teatro global do mundo.

Daí que a Europa só sobreviva, no futuro, como ator importante se federalizar; até hoje, porém, a União Europeia (EU) tem sido tão só um simples mercado comum de negócios contratuais onde a visão política federalizante tem sido esquecida. Mercado comum esse com tantos regimes fiscais, tantos orçamentos, tantas taxas de juros, tantas políticas migratórias quantos os estados-membros que o integram e que, por isso, estão, quantas vezes, em concorrência direta entre si.

A União Europeia tem vários problemas difíceis de resolver.

A saber, e de forma sucinta:

1º) o demográfico, o maior de todos; a tal ponto que a Europa que hoje conhecemos não existirá mais dentro de duas gerações. A Europa reproduziu-se muito desde, sensivelmente, o ano 1000 até 1950 com exceção dos séculos XIV e XVII por razões específicas; em 1950, iniciou uma espiral demográfica regressiva sem fim à vista.

Em 1950, a Europa tinha o dobro da população da África; em 1990, a Europa tinha

menos população que a África; em 2025, terá 1/3 da população da África.

Em 1950, quando parou o seu crescimento demográfico, a Europa tinha 22% da população mundial; em 2050 (100 anos depois) terá, tão-só, cerca de 8%.

Em contraste, os outros continentes explodem demograficamente: a Ásia e a África terão, cada uma delas, em 2050, cerca de 4 biliões e 500 milhões de habitantes enquanto a EU terá o mesmo que hoje, ou seja, 450 milhões; quer dizer, em 2050, a EU terá 1/10 da população tanto da Ásia como da África.

A grandeza da Europa foi construída desde os sécs. XV e XVI a partir de dois fatores: grande reprodução demográfica e separação entre fé e ciência que permitiu o avanço do racionalismo que desembocou no desenvolvimento da tecnologia, nas descobertas científicas, na revolução industrial e na superioridade militar. O excesso demográfico fez o resto: levou os europeus a migrarem para todos os continentes, colonizando-os, exportando a ideologia europeia e explorando em seu proveito as reservas de matérias-primas.

Nenhuma civilização se torna dominante só por ter muita população; mas nenhuma é dominante se não tiver excesso demográfico que, na sua fase expansiva, crie riqueza bastante e exporte gente que migre e leve consigo a ideologia do seu país.

Para que haja paridade de reprodução demográfica (ou seja, para que a população não cresça nem diminua) cada mulher deve ter 2,1 filhos; na Europa, nenhum país atinge essa percentagem e Portugal é dos países com menor reprodução a nível mundial. As migrações a que assistimos, hoje, no Mediterrâneo entroncam neste fenómeno e a queda demográfica europeia quase garante a certeza da sua continuação.

Lembremos que o fim da política do filho único na China resulta da explosão demográfica da Índia (seu adversário político no continente) e da garantia de que o crescimento económico chinês aguenta bem o crescimento populacional que daí resultará.

E lembre-se que a Reconquista da Península Ibérica aos árabes assentou essencialmente na "décalage" demográfica: enquanto a população árabe era superior à cristã a Reconquista patinou; quando se deu a inversão demográfica e os árabes deixaram de ter o auxílio dos irmãos do Magreb (trazido pelos almóadas e pelos almóadas) a Reconquista tornou-se imparável.

2º) a Europa deixou de ter acesso direto às grandes reservas de matérias-primas e que se encontram na Rússia, Cáucaso, China (as Terras Raras) e África Central e do Sul.

A colonização europeia no Oriente, Américas e África deu-nos acesso direto, por séculos, a quase todo o mundo não-europeu e à sua riqueza; hoje isso acabou e, como escrevia Braudel no seu "Mediterrâneo", a Europa é um continente pobre.

O caso das Terras Raras (um grupo de metais de conjugação rara) é paradigmático: são essenciais no fabrico de instrumentos de alta tecnologia, sejam eles o armamento militar ou telemóveis de última geração.

A China detém, provavelmente, mais de 90% das reservas conhecidas e os EUA importam da China cerca de 80% das que necessitam na sua indústria. Daí que a Administração Trump, quando sobretaxou produtos chineses, tenha excluído as Terras Raras porque isso prejudicava a competitividade dos produtos finais americanos; daí que a China, em resposta, tenha sugerido que a exportação de Terras Raras para os EUA poderia vir a ser seriamente diminuída.

É, também aqui, que se insere a questão do Ártico (e da compra romanceada da Groelândia): por um lado, a futura navegabilidade do Ártico por causa do degelo que o aquecimento global provoca vai torná-lo numa via rápida comercial e militar entre o Pacífico e o Atlântico Norte, com a Rússia a controlar essa rota; por

outro lado, as reservas imensas do Ártico serão mais facilmente exploradas pelos cinco países que, aí, têm zonas exclusivas (EUA, Canadá, Dinamarca, Noruega, Rússia – esta, com a maior zona que tem o tamanho da Índia).

3º) mas a Europa tem outra dificuldade que entronca na sua história genética; hoje, temos, verdadeiramente, três Europas culturais que correspondem à herança que o "velho" Império Romano nos deixou.

Ao dividirem o Império em dois (do oriente e do ocidente) por razões de natureza política e de racionalidade organizacional, os romanos criaram três grandes espaços que, ainda hoje, marcam a Europa: o espaço oriental tornou-se helenístico, mediterrânico, virado à Ásia que está ali tão perto e onde habita grande parte da riqueza do mundo, religiosamente ortodoxo, escrevendo frequentemente em alfabetos próprios (o cirílico e o grego); o espaço ocidental, tornando-se católico, de cultura e de alfabeto latino, assumindo a herança romana e que o tempo tornou transatlântico; a norte, e fora das fronteiras do Império (que eram o Reno-Danúbio) ficaram os povos não-romanizados, que viraram protestantes, utilitaristas, economicistas, pragmáticos e que, com o tempo, universalizaram os direitos de liberdade de religião, de comércio e de navegação.

São três Europas tão diferentes que o curto-prazo de vida da União dificilmente conseguirá cimentar; ademais, a tradição europeia do estado-nação facilita os nacionalismos e dificulta uma cultura federal e transnacional.

A dificuldade da Europa em se federalizar, 60 anos depois de criada, radica aqui.

Mas esta situação ambígua de um mercado comum, que nem se federaliza nem confessa que o não quer fazer, pode interessar aos países do Norte: habituados desde a Guerra dos Trinta Anos, no séc. XVII, a impor as suas regras à Europa do Sul, o Norte é quem beneficia com essa ambiguidade porque a concorrência num mercado não federalizado permite-lhe ficar com a parte de leão dos lucros globais. Num mundo globalizado como o deste século, as coisas grandes tornam-se pequenas; daí que esta Europa não-federa-

lizada corra o risco provável de se tornar um ator secundário no mundo do futuro.

Mas o Ocidente vai ter outro problema previsível: o ataque ao dólar como moeda oficial do sistema monetário internacional. O dólar foi escolhido como moeda oficial nas transações internacionais, no pós-guerra, através do Tratado de Bretton Woods; nele, estipulou-se a convertibilidade do dólar em ouro.

Duas décadas e meia depois (em 1971, no tempo da Administração Nixon) os EUA decretaram unilateralmente a inconvertibilidade do dólar violando o Tratado; fizeram-no porque o constante défice estrutural da sua balança de pagamentos não permitia a convertibilidade e mantiveram essa decisão porque o seu endividamento público não lhes deixou outra opção, além de que ter em casa a moeda oficial das transações mundiais permite exportar para os outros a inflação que resulta da criação desregrada da moeda.

Entretanto, o crescimento exponencial dos países asiáticos trouxe consigo um perigo evidente: a criação de outra moeda, à medida do continente que dominará o séc. XXI, substituindo o dólar e, eventualmente, consensualizada segundo os interesses dos países asiáticos (Rússia, China, Índia, Indonésia).

Se for verdade o que lemos em "sites" internacionais, já houve mais que uma reunião sobre este assunto entre russos e chineses; se, no futuro, outra moeda surgir para uso no comércio internacional (e pior ainda: se for convertível em ouro) o destino do dólar ficará traçado.

Recorde-se que as sanções americanas só terão alguma eficácia enquanto o dólar for moeda internacional, e recorde-se que russos e chineses – nesta fase intercalar – já impõem que muitos dos seus negócios com outros países sejam celebrados ou nas suas moedas ou com o euro como moeda alternativa. Como assim, o dólar será utilizado neste momento em cerca de 70% das transações internacionais.

Uma modificação do sistema monetário internacional é o maior desafio com que nos confrontamos, porque a moeda de referência acompanha a riqueza do mundo. Daí que, se a riqueza do mundo migrar do Ocidente para a Ásia e Eurásia, o Ocidente provavelmente entrará em "panne".



GLÓRIA E VITÓRIA

DUAS RAINHAS. DOIS DESTINOS. 1819-2019

Por Luísa V. P. Boléo



Rainha Dona Maria II com cerca de 20 anos



Rainha Vitória com cerca de 18 anos

Nascidas no mesmo ano de 1819, uma portuguesa que veio ao mundo nas Terras de Santa Cruz e outra inglesa nascida na poderosa Albion, quis o Destino que fossem parentes por via dos casamentos. Enquanto a rainha Dona Maria II de Portugal foi decretada rainha aos 7 anos (por abdicação do pai, o brevíssimo rei D. Pedro IV de Portugal) e aos 15 anos assume o poder, tendo falecido aos 34 anos, a rainha do Reino Unido Alexandrina Vitória, por uma série de circunstâncias, parecendo afastada na linha da sucessão, sobe ao trono aos 18 anos, fica viúva relativamente nova e terá o segundo reinado mais longo da história daquele país, ultrapassado apenas pelo da actual Rainha Elizabeth II.

A 4 de Abril de 1819 nascia no palácio de São Cristóvão no Rio de Janeiro a primogénita do futuro imperador Pedro I do Brasil casado com Leopoldina de Habsburgo e a 25 de Maio do mesmo ano fruto do matrimónio de Eduardo Augusto, duque de Kent e da já viúva Luísa Vitória de Saxe-Coburgo Saalfeld,

nasce no palácio de Kensington a futura rainha Vitória.

Três séries de televisão com a qualidade da BBC deram-nos uma cuidada biografia dos primeiros anos de reinado da rainha Vitória e não vamos aqui falar da forma como por morte e abdicação de vários antepassados chegou ao trono, depois da morte prematura do pai.

Sobre a nossa segunda rainha reinante Dona Maria da Glória de Bragança – Dona Maria II saberemos um pouco mais da sua breve existência, tendo o seu reinado sido um dos mais conturbados e breves da nossa História.

PORTUGAL 1808-1834

Recordamos que em 1808 dá-se a partida da Família Real para o Brasil devido às Invasões Francesas entre 1807 e 1811. Portugal foi o 1º país europeu a derrotar Napoleão com o apoio dos ingleses. Fica em Lisboa um Conselho de Governadores, mas quem detinha o poder eram os ingleses através de William Beresford.

Portugal – desde 1815 passou a Reino

Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Em 1816 falece num convento do Rio de Janeiro a já enlouquecida rainha Dona Maria I e em 1820 acontece a revolução liberal do Porto. Em 7 de Setembro de 1822 D. Pedro dera a Independência ao Brasil e é aclamado imperador com o título de Pedro I do Brasil.

Em 1826 morre em Lisboa seu pai o monarca D. João VI e no Brasil a imperatriz Leopoldina, deixando a futura rainha de Portugal e irmãos órfãos ainda em tenra idade.

D. Pedro acerta o casamento da filha Maria da Glória com o seu irmão mais novo Miguel acreditando que ele poderá ser o futuro regente na menoridade da rainha, porém nada disso vai acontecer. Mudanças na Europa em 1830 que ajudam à Causa da Rainha de Portugal. Bélgica com Leopoldo I torna-se independente dos países Baixos e adopta uma Constituição e na França morre Carlos X e sucede-lhe o liberal Luís Filipe de Orleães. Na Grã-Bretanha Guilherme IV é também de uma orientação mais liberal.

D. Miguel apoiado pela mãe, a ambiciosa Dona Carlota Joaquina de Borbón ainda durante a vida do pai (D. João VI) tudo faz para ser rei, o que consegue em 1828. Em 1831 D. Pedro I abdica no seu filho mais novo, futuro D. Pedro II do Brasil e parte para a Europa já casado em segundas núpcias com Dona Amélia de Beauharnais e vai dedicar-se à Causa de Dona Maria e afastar no trono o irmão que não cumprira a sua palavra. Não mais voltará ao Brasil.

Dona Maria da Glória, princesa de Grão Pará parte para a Europa para ser educada para ser rainha e permanecerá no Reino Unido e em França por algumas temporadas. Ao contrário do que alguns autores/as de romances históricos escreveram Vitória e Maria da Glória não se encontraram, embora no seu diário a rainha Vitória fale da jovem rainha de Portugal que viu de longe. Nem aos 12 anos quando a rainha de Portugal foi recebida na corte britânica Vitória sabia que seria um dia rainha. Mais tarde trocarão muitas cartas dado serem casadas com primos diretos - Alberto e Fernando II de Saxe-Coburgo Gotha.

D. Miguel reinou entre 1828 e 1834.

Abreviando. Dá-se a guerra civil entre irmãos. A Áustria e muitos fidalgos portugueses apoiam D. Miguel e a França e Inglaterra tomaram o partido de D. Pedro, que depois de constantes batalhas, o cerco do Porto e conflitos praticamente por todo o país e ilhas consegue vencer e colocar no trono a filha Dona Maria II, declarada maior. Foi aclamada no dia 19 de Setembro de 1834.

Porém a vida de D. Pedro muito desgastado com as lutas termina no palácio de Queluz na mesma cama onde nascera 36 anos antes. Era o dia 24 de Setembro e foi um dia de luto nacional. Já não rei nem imperador mas como general. Teve o cognome de Rei-Soldado. Permaneceu o seu corpo em São Vicente até o Brasil reclamar no século XX os seus restos mortais, porém o coração está num cofre precioso no Porto - a Cidade Invicta.

CASAMENTOS DE RAINHAS

A rainha Vitória casou com Alberto de

Saxe-Coburgo Gotha em 1840 e D. Maria II com o irmão da madrastra Augusto de Beauharnais (duque de Leuchtenberg) mas uma infeção fulminante deixa a jovem rainha viúva aos 15 anos.

Entre a escolha de ministros e levantamentos um pouco por todo o país com os miguelistas à solta, a rainha tem de escolher rapidamente outro noivo. Os herdeiros são uma "obrigação" das monarquias e mais ainda das rainhas e o segundo casamento (oficialmente terceiro embora o primeiro não tenha passado de um contrato escrito e que foi anulado) e surge na vida de D. Maria II D. Fernando de Saxe-Coburgo Gotha que lhe proporcionou finalmente uma família e aspirar a alguma felicidade. Ela que perdera já os pais e estava afastada dos irmãos que permaneceram no Brasil (dos seus 6 irmãos sobreviveram apenas 3.)

O primeiro ministério de D. Maria II tomou posse em 24 de Setembro de 1834 e foram escolhidos fiéis apoiantes de seu pai. A rainha começava agora a aprender a governar o país que era seu mas que ela quase não conhecia.

O duque de Palmela que ela tão bem conhecia de Londres foi o seu conselheiro. Mas os governos não duravam, ainda se vivia em sobressalto com os partidários de D. Miguel apesar de este estar exilado. E além do país estar na penúria, os partidos políticos eram demasiado extremistas e belicosos. A insegurança permanente.

O quotidiano da jovem rainha também era desprovida de amizades femininas, daí ter de amadurecer depressa e foi considerada teimosa e insubmissa, algo que com o tempo e os nascimentos dos filhos foi-a tornando mais tolerante.

D. Fernando chegou ao Tejo no dia 8 de Abril de 1836 e o casamento foi na Sé. Seguiram para o Palácio das Necessidades que escolheram para residência. Ele tinha 19 anos e a rainha 17. O príncipe tinha uma cultura universitária mas desde logo se quis dedicar às artes. Desenhava, pintava e cultivava a música. Herdara uma considerável fortuna que despendeu com o património português, tendo ficado na História como o Rei-Artista.

Foi um casamento que tinha tudo para dar certo. Depois do nascimento do primogénito no dia 16 de setembro de 1837 (futuro Dom Pedro V) passou D. Fernando a ser tratado por Sua Alteza Real como rei Dom Fernando II.

Na Grã-Bretanha não havia esse costume o Príncipe Augusto foi sempre o príncipe consorte da rainha vitória mesmo sendo pai de 9 filhos.

Nas cartas trocadas entre Vitória e Maria da Glória fala-se dos filhos e se para a rainha de Portugal era uma felicidade cada filho que tinha, para Vitória era algo que detestava porque ficava "deformada" e pouco atrativa para o seu amado marido. As rainhas falavam dos filhos e ofereciam prendas aos filhos respetivos, muitas peças de roupinha feitas pelas próprias. É curioso como estas governantes entre as obrigações políticas, algumas complicadas tinham de saber ser as duas coisas. Sabemos que D. Fernando II dedicava muito tempo aos filhos e ensinava-lhes línguas e música e tinham os seus espaços para cultivarem flores e frutos.

A rainha Vitória era mais distante com os filhos. Havia quem tomasse conta deles. Escreveu um diário durante mais de 50 anos e em algumas páginas refere-se aos primos de Portugal - Rainha Dona Maria II e Fernando II e ao povo português.

Nas cartas trocadas as rainhas falam de assuntos de mães como o comportamento dos filhos e curiosidades dos seus temperamentos.

A rainha Vitória enviou um pintor à corte de Portugal para que os príncipes e princesas tivessem telas de bons artistas. Em palácios ingleses há vários retratos de D. Maria II.

Dona Maria II não gostava de falar de política nas cartas para a prima mas quando havia sucessos contra insurreções, como nas revoltas da Maria da Fonte e Patuleia mostrava a sua satisfação.

Numa carta Vitória escreve «tu m'as parle avec autant de chaleur de Ferdinand (...) ma situation est si semblable à la tienne (...) c'est dans le mari que nous trouvons le véritable appui et le conseiller desintéressé dans nôtre tâche difficile et tellement responsable (En



Ferdinand tu as de plus un homme supérieur à ceux autour de lui et une âme qui partagera en tout tes sentiments...»

PRIORIDADES DE DONA MARIA II

Instrução primária gratuita para todos (Outubro de 1836). Passos Manuel criador dos liceus. Abertura ao público do Jardim Botânico da Ajuda. Proibição das corridas de touros (16 de Setembro de 1836). Depois repostas.

Academias de Belas Artes no Porto e em Lisboa. Conservatório Real de Lisboa com música e dança. Conservatório de Artes e Ofícios – indústria. Criação das Escolas Médico-Cirúrgicas. Extinção do Colégio dos Nobres. Jardim da Estrela e Teatro Dona Maria II

A VIUEZ DA RAINHA VITÓRIA

Depois de enviuvar ao fim de 20 anos de casamento a rainha Victoria refugiava-se na Escócia sempre acompanhada de um antigo criado das coutadas do marido,

John Brown, e teve uma enorme amizade pelo seu primeiro-ministro Benjamin Disraeli que a fez Imperatriz da Índia.

Felizmente os seus Primeiros-ministros iam cumprindo as suas funções e a rainha só tinha de assinar. Ao fim de anos de isolamento regressou e teve um fim de reinado rodeada de netos e netas e um povo que a admirava. Foi tão afortunada que não perdeu nenhum filho em criança. A vida da rainha Vitória tem imensa documentação porque escreveu um Diário durante praticamente toda a vida. Muitos foram publicados.

A MORTE DE D. MARIA II

Quando esperava o 11º filho e depois de insistentemente aconselhada a não ter os filhos tão próximos, porque alguns morreram ao nascer, a rainha não ouvia os médicos e a fatalidade surgiu no último parto. Uma cesariana mal sucedida, embora com vários médicos à cabeceira,

levaram a rainha de Portugal e o bebé também não sobreviveu.

Foi inesperada e dramática esta morte. D. Fernando ficou incomunicável durante dias e dias. Tinham tido um casamento harmonioso. Os filhos adolescentes choraram a mãe que tanto amavam. D. Fernando assumiu a Regência. O cortejo fúnebre foi de uma tristeza para a corte e para o povo que se habituara a ver a rainha passear com os filhos pelos jardins.

No Museu dos Coches há uma carrinha aberta oferecida à rainha para os passeios dos filhos. A rainha Educadora preocupou-se em deixar o seu povo mais instruído e acompanhava os estudos dos filhos.

A rainha Vitória como forma de luto mandou que o comércio estivesse fechado uma semana, algo inédito.

Mesmo longe uma da outra tinham criado uma verdadeira amizade.

Glória faleceu em 1851 e Vitória 50 anos depois, em 1901.

MITOS E CURIOSIDADES AGRÁRIAS – 1ª PARTE

São mitos a diabolização do eucalipto e o endeusamento da agricultura biológica

Por Teodósio Salgueiro

I. A diabolização do Eucalipto

O eucalipto é originário da Austrália e da Tasmânia (ilha australiana) e das mais de 700 espécies que lá se encontram destaca-se o *Eucalyptus globulus*. Esta é, praticamente, das cerca de 250 espécies introduzidas em Portugal no século XIX, que hoje se utiliza. Escritores houve, como Eça de Queirós e Fialho de Almeida, que se referiram ao eucalipto, não criticando a sua existência no nosso país. A expansão desta espécie florestal tem-se acentuado, de tal modo que de 99.000 ha em 1956 passou a ocupar 672.100 ha em 1995 e 766.800 ha em 2015, constituindo 25,1% do total de povoamentos florestais.

Quanto à sua utilização, ela reside, hoje me dia, na produção de pasta para papel, pois a indústria da celulose está a recorrer cada vez mais ao eucalipto. Este ponto e a possibilidade do primeiro corte ser viável logo aos 12 anos, ou mesmo antes, e haver mais três ou quatro cortes na vida do eucalipto, permite que haja rendimento de capital investido relativamente cedo, pelo que se passou a dizer que "o eucalipto é para nós, o pinheiro para os nossos filhos, e o sobreiro para os nossos netos".

Quaisquer culturas, agrícolas ou florestais, absorvem nutrientes do solo, mas enquanto nas culturas agrícolas há uma reposição, total ou parcial do que é ab-

sorvido, por meio das adubações, estas, em regra, não se fazem nos povoamentos florestais. Neste, são as folhas que caem na terra e a mineralização da rocha que origina o solo que vão contribuindo para a fertilidade deste. No caso do eucalipto, parece não haver efeitos nocivos maiores do que os da generalidade das culturas.

No que respeita aos fogos, se é certo que o eucalipto é muito inflamável, estudos mostram que, nas fases iniciais, a preferência é pela seguinte ordem: matos, pinheiros e eucaliptos. Note-se que, nos incêndios de 1917, a área ardida de eucalipto foi grande – 97.000 ha – mas inferior à de pinheiro bravo, que atingiu 123.000 ha.

CASAMENTO MATEMÁTICO

Há uns anos, ainda eu era rapaz,
Assisti ao casamento matemático
Que nem sonhava ser capaz
De vir a tornar-se tão mediático.

Uma das noivas era a Astronomia
Vestida com a Esfera Celestial
A outra noiva, a Geometria
Usava um vestido poligonal.

O noivo era um tal Cálculo
Com membros nas equações
As funções de resultado nulo
Eram algébricas nas expressões

O Cálculo tinha probabilidades
De ser análise e vectorial
E com grandes oportunidades
De ser também diferencial

Eleito o prisma como catedral
Onde os noivos iam casar
Tinha a hipérbole no portal
E o cilindro servia de altar

Os noivos sentados na horizontal
Dispostos em forma de triângulo
Ocupavam o lado mais frontal
Que lhes desse o melhor ângulo.

O padre foi a abcissa
Que rezou sua parábola
Enquanto dizia a missa
Olhando pra sua cábula

O registo na matriz
Deste casamento plural
Foi feito na bissectriz
E também na diagonal

A madrinha trigonometria
E o padrinho telescópio
Estavam em perfeita simetria
Quando vistos ao microscópio

O cortejo sai à tangente
Mesmo, mesmo nos limites
Tendo a fome como expoente
E por base muitos apetites

No desfile das constelações
Iam todos os determinantes
Com as bonitas sucessões
As bússolas e os sextantes

As rectas, de curvas derivadas
Deram acesso à sala da elipse
Donde tiraram as coordenadas
Para se ver melhor o eclipse

Os convivas seguiram a lógica
Presente na teoria dos conjuntos
A festa não seria pedagógica
Sem entradas de presuntos

A mesa muito bem posta
Tinha cones de camarões
Círculos de patê de lagosta
Cubos de vitela à Lafões

Na estatística da ementa
Havia séries de planetas
Integrais de sal a pimenta
E primitivas de cometas

Aos nubentes o Astrolábio
Quis recitar um poema
A seguir veio um sábio
Que lhes deixou um teorema

Desta trilogia muito confusa
Nasceram os filhos e os netos
Sendo o quadrado da hipotenusa
Igual à soma do quadrado dos catetos

Numa análise combinatória
Da rotação e translação da Terra
Vemos que desde a pré-história
A matemática continua na berra

Por António Capela Gordo



I – CARLOS CARRANCA

CARTA AO AMIGO

Partiste muito cedo, a 29 de Agosto de 2019, após penosa luta de quase três anos contra uma adversidade que, quando menos se espera, ataca ferozmente o corpo dos mortais. Que falta me fazes... não era esse o destino que merecia o menino nascido em 1957, no dia 9 de Novembro. Não estiveste só. Na primeira linha de combate esteve incansavelmente a tua companheira de sempre, a Rosinha, bem como os vossos filhos João e Miguel. Não faltaram também os amigos, incontáveis, granjeados em fraternos convívios. Nascido na Figueira da Foz, repartias os afectos aos lugares por Coimbra e Lousã, que acaba por ser a tua última morada. Coimbra, essa, foi um marco indelével na tua juventude de estudante e pela vida fora, a que associavas um sofrido

amor à "Académica". Professor do ensino superior, já em Lisboa e Cascais, poeta, ensaísta, declamador, foste também um inspirado e original criador de eventos culturais, particularmente os ligados à literatura e às artes cénicas e musicais. E em tudo o que foste e fazias havia uma constante: a elevada qualidade. Publicamente reconhecida foi a qualidade da docência que exercestes na Escola Superior de Educação Almeida Garrett – Universidade Lusófona. Na tua actividade artística é de notar a autoria de belos poemas que musicaste e tão bem interpretaste como cantor, tendo como modelo material o "Fado de Coimbra". A vivência de Coimbra e o conhecimento de personalidades e respectivas obras relacionadas com a cidade foram, sem dúvida, uma fon-

te de inspiração para o poeta Carlos Carranca na sua produção poética e artística. Embora com diversos níveis de importância, são de citação incontornável Miguel Torga, Zeca Afonso, Luiz Goes, Edmundo Bettencourt, Carlos Paredes e Carlos Couceiro, imbuídos, como ele, de um profundo humanismo. Destinadas estas palavras a publicação no boletim "Capa e Batina" da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, importa relevar a prestigiante colaboração que, como Assessor Cultural, o Carlos Carranca prestou a esta instituição por convite da sua Presidente Dr^a. Fátima Lencastre.

Amigo de tantos amigos, até sempre.

Por António Toscano

II – GUSTAVO ELMANO CERDEIRA

Ao longo dos seus dois mandatos de dirigente (Secretário da Direcção de 1995 a 2001), o Gustavo deu sobejas provas da sua dedicação ao cargo e da contribuição inestimável para a divulgação da Associação. Na verdade, muito contribuiu para, entre outros eventos ou actividades, a concretização de homenagens a personalidades, associados e instituições que ocorreram no Casino Estoril nas comemorações da Tomada da Bastilha. O seu espírito combativo levou-o a pesquisar as hipóteses de concessão pelas Câmaras Municipais de Lisboa e

Oeiras de uma Sede para a Associação e para a almejada Real República do Antigo Estudante, chegando a "versejar" as petições aos seus presidentes para melhor lhes chamar a atenção (esforços inglórios...). Mas o seu papel mais relevante traduziu-se nas inúmeras representações desta Associação quer nos palcos do Funchal, da Guarda e de Bragança, quer nas manifestações cénicas que enriqueceram as comemorações da Tomada da Bastilha. Logo em 1996 a exaltação rimada da Universidade de Coimbra, da sua Academia e suas tradições, seguindo-

-se ano a ano momentos teatrais lúdicos, como:

"Capuchinho Vermelho", "Noite dos Reis", "A ceia dos pontos cardeais", "Que grande pastilha", "Recordar Coimbra", "Coimbra em notas breves", "Alô Coimbra" e "Bloco de notas de Coimbra a Lisboa", alguns dos quais sob a regência de encenação pelo Mestre António Manuel Couto Viana. Eterna gratidão de todos quantos usufruíram destes teus talentos.

A Direcção

A tenente-coronel Alice Pereira com os documentos que a identificavam como militar.



“ABRI CAMINHO PARA AS MULHERES ENTRAREM NA FORÇA AÉREA”

A HISTÓRIA DE ALICE PEREIRA

A presença de mulheres nas forças armadas é, agora uma situação comum. Mas em 1972, a então aspirante Alice Pereira deu os primeiros passos numa carreira em que teve um papel importante para essa abertura representando Portugal em reuniões ao mais alto nível. Deixou a Força Aérea em 1994, como tenente-coronel e com “muito orgulho de ter sido mulher militar”.

Muito satisfeita. Orgulhosa de ter sido mulher militar. De ter ajudado a abrir a porta para que as mulheres pudessem ser militares”. Maria Alice dos Santos Dias Pereira tem um sorriso largo, bem-disposto, fala da sua história deixando transparecer o orgulho de uma vida militar – gosto que lhe terá sido “transmitido” por um tio-avô numa época da história de Portugal em que a entrada de mulheres nas forças armadas não era uma miragem, antes uma situação inconcebível.

É de história que a tenente-coronel Alice Pereira vai falando: da sua que, afinal, se confunde com as mudanças na Força Aérea até ao momento em que a presença de mulheres nas Forças Armadas é uma situação normal. São cerca de 10% do total de efetivo militar (30 mil), como é referido num documento do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) – “Desigualdades Sociais, Portugal e a Europa”, publicado em 2018.

Da pequena pasta que transporta vai retirando louvores, documentos que comprovam a sua progressão na Força Aérea, sempre na área da saúde. E fotografias, principalmente duas: junto à sede da NATO em Bruxelas (em 1993) e um ano depois em Londres.

Uma surpresa que para a tenente-coronel até nem tinha razão de ser. “Eu era como era. Já tinha sido habituada pelo meu tio-avô [militar] e pelos meus pais que eram professores a ser disciplinada”, frisa.

Um anúncio no Diário de Notícias

A publicação da Portaria 439/72, a 6 de agosto, a abrir a possibilidade de existirem concursos de voluntárias “para o desempenho das funções médicas e farmacêuticas em qualquer ramo das forças armadas” foi o primeiro passo para as mulheres poderem entrar nas Forças Armadas. Depois, surgiu a oportunidade através de um anúncio publicado no Diário de Notícias em que a Força Aérea divulgava que iria abrir duas vagas – uma médica e uma farmacêutica.

“Tinha a especialidade de análises clínicas, tirei três anos em Coimbra e dois em

Lisboa. Quando cheguei à sala encontrei mais de 40 colegas e só havia dois lugares. Pensei ‘nunca é para mim, mas em todo o caso concorri na mesma. Depois foram-me telefonando dizendo ‘está nas 30’, depois ‘nas 20’, no final ficámos duas e fui escolhida devido à nota do curso.” E assim Alice Pereira, que esteve na Madeira como responsável técnica na farmácia da capitania do Funchal e a dar aulas no liceu Jaime Moniz, entrou na Força Aérea em 1972 como aspirante, cumprindo o seu percurso – “sempre na área da saúde militar”.

Trabalhou durante oito anos no laboratório de análises do então chamado hospital da Força Aérea, posteriormente assumiu a responsabilidade técnica da farmácia da mesma unidade, deu aulas durante quatro anos na Escola de Serviço Militar aos alunos de Cursos Técnicos de Farmácia. Mas o ponto alto da carreira foi mesmo ter sido designada a representante de Portugal nas reuniões da NATO como a militar nacional mais graduada.

Missões que, diz, desempenhou de tal maneira satisfatória que a Força Aérea lhe concedeu louvores em que esses elogios estão expressos.

É aqui que a história da tenente-coronel ganha mais emoção: Alice Pereira foi a primeira portuguesa a participar em reuniões ao mais alto nível na Aliança Atlântica. Na altura esta diplomada e licenciada em Farmácia era a mulher com a mais alta patente nas forças armadas nacionais – as paraquedistas já cumpriam serviço mas a sua carreira terminava numa patente mais baixa – e por isso representou o país nas primeiras reuniões em que a entrada de mulheres para a carreira militar foi discutida em grupos de trabalho onde já pontificavam as mais experientes norte-americanas, inglesas ou francesas.

“Elas [as atuais militares] não sabem que ajudei a abrir-lhes a porta, eu saí em 1994 e elas começaram a entrar nesse ano. Foi a Força Aérea que liderou essa abertura.”

Reformada desde 1994, Alice Pereira recorda essas reuniões onde se discutiram temas que agora parecem “normais”: “Falávamos sobre os direitos e os deveres das mulheres militares, qual o quadro militar onde se inseriam [na saúde ou militar].”

E entre as histórias que lembra conta a conversa que teve uma vez com a *chairman* de uma reunião: “Ela perguntou-me ‘a senhora é portuguesa? A representante de Portugal? Não me diga. É que é pontualíssima, é a primeira a chegar. Estou admirada.”

Chapéu da FA “saiu” de sua casa

A tenente-coronel que faz parte da história das Forças Armadas, apesar de pouco conhecida, tem uma vida ligada à instituição militar ao ponto de ser também original da sua família o chapéu que as mulheres militares da Força Aérea usam.

“Nós tínhamos um chapéu que era de homem – estava adaptado – e o general Lemos Ferreira [morreu no passado dia 23 de janeiro aos 90 anos] disse-me ‘ó doutora vamos fazer um chapéu para as senhoras’. A minha filha [Fátima Pereira] estava na faculdade de Arquitetura e desenhou o atual chapéu que, depois de ter sido analisado pela manutenção militar, as mulheres usam.”

São recordações que fazem parte da sua “biografia”, como salienta enquanto reconhece que o facto de ter entrado no serviço militar casada e com filhas (tem duas, nenhuma militar, e quatro netos) ajudou a que não “sentisse tantas dificuldades, mas fui sempre cautelosa, e fui para o laboratório, nunca fui para Angola”.

Como trunfo tinha a já referida pontualidade – “estava sempre antes das 08.00, eles não tinham nada a dizer. Mas nas reuniões por vezes havia dificuldades em mostrar aos médicos que as mulheres eram capazes de fazer as coisas que lhes competiam”.

Teve uma “vida preenchida” – depois de sair da Força Aérea foi trabalhar 16 anos para um laboratório – mas também se diz orgulhosa desse percurso que começou no dia 1 de março de 1972 quando a aspirante Alice Pereira entrou no Hospital da Força Aérea e terminou em 1994 depois de receber louvores, uma medalha de comportamento exemplar e ter representado Portugal ao mais alto nível ajudando as forças armadas a enveredarem por uma abertura que agora parece normal.

Nota:

- A Associada Dr^a. Maria Alice Pereira tirou o curso de Farmácia em Coimbra e licenciou-se em Lisboa onde fez também a especialização em Análises Clínicas (Químico-Biológicas).
- Está para ser condecorada, como primeira mulher militar (Tenente-Coronel) em Outubro, pela sua representação de Portugal na Nato, (Londres 1972 e Bruxelas 1973).

CASA DA ACADÉMICA

PROMOVE HOMENAGEM A MARINHO E A JOÃO REAL ATLETAS DE REFERÊNCIA DA BRIOSA

Por Joaquim Couto (Presidente da Casa da Académica em Lisboa)



A Casa da Académica em Lisboa homenageou os atletas Marinho e João Real num jantar-tertúlia que decorreu no restaurante da Associação da Força Aérea, em Lisboa, no dia 30 de Outubro. Os mais de cem convivas que lotaram o espaço quiseram, com a sua presença, manifestar aos homenageados a sua gratidão pela entrega, brio e profissionalismo com que envergaram, durante oito épocas desportivas, a mágica camisola negra, honrando os ideais e valores da Académica. Os dois atletas que decidiram deixar os relvados, continuando felizmente ao serviço da estrutura técnica e desportiva da Briosa, sentiram-se particularmente felizes por verem as suas carreiras desportivas ao serviço da Académica, especialmente realçadas e honradas. O presidente da Casa da Académica, Joaquim Couto, falou da justeza e significado da homenagem, realçou a presença do grande número de académicos e salientou o valor e a personalidade dos homenageados, exemplos e símbolos da mística e dos valores da Briosa. Realçou que a Casa da Académica é um espaço de confraternização e solidariedade entre os muitos académicos e simpatizantes da Briosa

da região de Lisboa, agente ativo na divulgação da cultura e da mística coimbrã, valores que fazem da Académica uma instituição ímpar no panorama desportivo nacional.

Aos homenageados foi entregue uma placa comemorativa e de reconhecimento e foi exibido um excelente documentário sobre o seu percurso ao serviço da Académica que mereceu dos presentes fortes e emocionados aplausos. Por último, Joaquim Couto salientou a presença do presidente da Académica, Eng. Pedro Roxo e da presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Dra Fátima Lencastre que com a sua presença quiseram partilhar a homenagem aos dois ilustres atletas da Briosa. Seguidamente, o presidente da Assembleia Geral da Casa da Académica, João Castilho, em "Oração de Sapiência", traçou os dados biográficos dos homenageados, a sua longa e rica carreira desportiva, realçando em cada um deles o Homem e o Atleta. Realçou os seus feitos, o longo percurso de atletas, realçando as oito épocas que cada um esteve ao serviço da Briosa e o contributo que deram para grandes êxitos e triunfos que ficarão para sempre

na memória de todos, nomeadamente a conquista da Taça de Portugal, em 2012, em que a Académica venceu o Sporting por 1-0, graças ao monumental golo marcado por Marinho! Finalizou dizendo que Marinho e João Real são atletas de referência da Briosa, símbolos dos seus valores e da sua mística e que ficarão para sempre na sua história!

Os dois atletas agradeceram a homenagem, referiram emocionados que foi um privilégio jogar e servir a Académica e recordaram episódios que, como referiram, ficarão para sempre nas suas vidas e memória!

O presidente da Académica, Pedro Roxo, enalteceu a estatura de homens e de atletas dos homenageados, agradeceu o seu contributo para as muitas conquistas e êxitos da Académica e salientou a sua entrega e academismo que muito honrou a Instituição. Como não podia deixar de ser, esta noite de grande vivência académica, terminou com a Música e o Canto de Coimbra pelo Grupo "Porta Férrea". É um privilégio ouvir intérpretes de tanta qualidade! Abraço académico: Teotónio Xavier, António Toscano, Soares da Costa, Martins Maio, Tito Costa Santos.



01.

JANTARES MENSAIS



Realizaram-se 3: em Julho no restaurante "Coimbra Taberna"; em Outubro no restaurante "A Valenciana", e em Fevereiro de 2020 no "Coimbra Taberna", como sempre com boa disposição e bom ambiente. Actuaram os Grupos "Serenata ao Luar" e "Porta Férrea" e os aniversariantes foram presenteados com um delicioso bolo de parabéns.

JANTAR / DANÇANTE

Realizou-se 1: em Outubro no Restaurante "Clara Jardim"; foi uma aposta da ala mais jovem (e maioritária) da Direcção. Com música ao vivo e com 68 participantes (metade jovens e metade não jovens) sempre com boa disposição (v. Fátima e Tony Jackson).

02.

FOLIA DO CARNAVAL

Realizou-se no dia 21 de Fevereiro no Ramada Lisbon Hotel, com Jantar buffet com a qualidade e abundância já nossas conhecidas: saladas, frios, sopa, 3 pratos quentes, sobremesas de frutas e doces, águas, vinhos branco e tinto, cervejas, refrigerantes, café ou chá. Bolo de aniversário e grande animação ao som do "Grupo AlexTeam".

03.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ **O Presidente do Conselho Geral da Universidade de Coimbra** convidou-nos para a conferência "Financiamento do Ensino Superior" que teve lugar no dia 24 de Setembro no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia-Polo I da Universidade.
- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos para:**
 - Cerimónia de abertura solene das aulas do ano 2019/2020 que teve lugar no dia 18 de Setembro na Sala dos Atos Grandes da Universidade de Coimbra.
 - Cerimónia de tomada de posse da Administradora da Universidade de Coimbra, Doutora Maria Matilde Costa Lavouras Francisco, que teve lugar no dia 18 de Setembro na Sala do Senado da Universidade de Coimbra.
 - Cerimónia de lançamento da UC Business que teve lugar no dia 6 de Dezembro no Auditório Laginha Serafim do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
 - Assistência ao Concerto de Natal – Glória à Vida no âmbito do Ciclo de Música que teve lugar no dia 8 de Dezembro no Teatro Académico de Gil Vicente em Coimbra.



04.

COMEMORAÇÃO DO DIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA – 1 DE MARÇO

A convite da Reitoria, 16 membros dos Órgãos Sociais da nossa Associação participaram neste evento, cujo programa contemplou, a par das intervenções institucionais, uma brilhante dissertação de Carlos Moedas, vencedor do prémio Universidade de Coimbra 2020. Devem registar-se:

- Na sua intervenção, o Magnífico Reitor referiu-se apenas à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra; alertado para a falha ou aparente desconhecimento da existência e presença de outras Associações (Porto e Algarve), explicou que tal se deveu ao facto de a Associação de Coimbra estar presente nas reuniões do Senado; obteve então a informação de que cada AAEC detém o estatuto de observador no Senado por direito próprio, tendo-o delegado na homologação de Coimbra por razões logísticas.
- O Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra terminou a sua aplaudida actuação no Palácio S. Marcos, após o almoço, homenageando a nossa Associação ao convidar a presidente Fátima Lencastre para cantar com o Coro o icónico AMEN.

05.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

Em 2019 (de Julho a Dezembro) foram:

Dr. António José Marques Gomes Pereira – Sócio nº 1374

Dr. Hugo Daniel Santos Pessoa – Sócio nº 1375

Dr. Pedro Manuel Amaro Martins Vaz – Sócio nº 1376

Dr. Ilídio Gaspar Nascimento Costa – Sócio nº 1377

06

BIBLIOTECA

A Associação tem o prazer de referir os nomes e amigos que contribuíram para o enriquecimento do Património da nossa Biblioteca com a oferta de livros e publicações periódicas e outra documentação:

- ◆ Dr^a. Maria Isabel Soares da Costa, com a generosa oferta de 115 livros.
- ◆ Dr^a. Maria de Fátima Lencastre, com a oferta de 2 livros.
- ◆ Cons. Mário José Araújo Torres, Dr. Luís Parreirão, Dr^a. Maria Luísa Paiva Boléo e Associação dos Pupilos do Exército (Boletim Trimestral).

NOTAS: Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...) Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no 2º Semestre de 2019 (de Julho a Dezembro):

- Prof. Gustavo Elmano Cerdeira Oliveira – Sócio nº 32
- Cor. Manuel da Costa Braz – Sócio nº 61
- Dr. Deodato Nuno de Azevedo Coutinho – Sócio nº 288
- Dr^a. Dulce Fernanda de Almeida Toscano – Sócio nº 541
- Dr. Alípio do Rosário Silva Gomes – Sócio nº 732
- Dr. Luís Filipe da Lança Falcão Paredes – Sócio nº 741
- Dr^a. Maria Isabel Teixeira dos Prazeres – Sócia nº 845
- Prof. Carlos Alberto Carranca de Oliveira e Sousa – Sócio nº 948

Que descansem em Paz!



Julho a Dezembro de 2019
Janeiro a Março de 2020

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção
EDIÇÃO: Associação dos Antigos
Estudantes de Coimbra em Lisboa
Instituição de Utilidade Pública
Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º
1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97

TELEM: 964 167 581

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 600 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS
SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

FICARAM EMPOBRECIDOS



ALCINDO AUGUSTO COSTA
1929-2019

O FADO DE COIMBRA
E A VIVÊNCIA ASSOCIATIVA



CARLOS ALBERTO CARRANCA DE
OLIVEIRA E SOUSA
1957 - 2019

A CULTURA, A POESIA
E A EXPRESSÃO TEATRAL



GUSTAVO ELMANO CERDEIRA
1923 - 2019

A INSPIRAÇÃO CÉNICA
E A EXPRESSÃO RIMADA